

A ILLUSTRAÇÃO

REVISTA QUINZENAL PARA PORTUGAL E BRAZIL

PARIS

SCHREITER, 6, rue Saint-Pétersbourg
Av. de l'Europe

ANNO 1884. — 24 francos
SEMANA. — 1 francos
Aviso. — 1 francos
No vende la Europa 15 francos por número e 30 francos por anno.

1º Anno. — Volume 1. — Número 9.

PARIS 5 DE SETEMBRO DE 1884.

Director : M. M. Pina

RIO DE JANEIRO

GAZETA DE NOTÍCIAS, 70, R. do Comidoro.

ASSINATURAS

ANNO (CORTE)	12.000
SEMANA (RIO)	6.000
ANNO (PROVINCIAIS)	14.000
ANNO (MUNICIPAL)	500



ABERTURA DA CAÇA — A COMPANHEIRA FIEL

UMA EXPLICAÇÃO

Parceria de que o autor fala acerca do modo como se realizou o seu contrato para publicar trabalhos dos membros da Sociedade Portuguesa de Escritores, a Voz, o Diário da Manhã, é que existiu contrato feito com o diretor da Sociedade, o Dr. Pinheiro Chagas, para a publicação dos escritos de todos os membros da sociedade, quer compreendendo Daudet, Quatrainas, etc.

Dovemos mesmo apresentar que a *Ilustração* é a única revista em português que possui um contrato, judicial, que publica legalmente artigos de escritores franceses, não podendo portanto nenhuma acusá-la pelo crime de contrafazão literária.

A REDAÇÃO.

SUMMÁRIO

PAPEL: Crónica, por Mariano Pina. — *AS NOSSAS GRU-
VURAS: A companheira fel*, estatua de George Sand; a negociação duplona; *Cintra desenhada por um inglês*; *Práxeres de verão*; *Sent'Anna Nery*; o dr. Koch; o cholera em França; *Norte de verão*. — *Nós* (poema) por Cesário Verde. — *George Sand*, por Gil Vicente. — *A gruta*, por J. Miranda. — *Bibliographia*, por Figaro. — *Passeio*. — A noite agência.

GRAVURA: Abertura da caça / A companheira fel. — A estatua de George Sand. — *A CUNHA CONTEMPORÂNEA: Um vendedor d'ópium* — George Sand. — *PONTAL: Cintra desenhada por um inglês*; *Práxeres de verão*. — *Sent'Anna Nery*. — O dr. Koch. — O cholera em França. — Na fronteira franco-italiana. — *Norte de verão*, composição de Viorgo e Gobin.

CRÓNICA

Hoje que o *Diário da Manhã* de Lisboa é uma cosa totalmente diferente do que foi ainda há uns anos; hoje que n'aquelle jornal já se pergunta a Pinheiro Chagas, o seu ilustre fundador, a propósito d'uma concessão

— Quanto deu o sr. conselheiro António José Braamcamp ao sr. ministro da Marinha? A quanto montou a FASCA NA AS-
DURA? Respondam! O escândalo, a LADROICE
estão consumidos! Salta champagne frappé
para o gabinete do sr. ministro da marinha,
o conselheiro chagado!

(O. de Maio, 17 de Abril de 1830)

hoje que isto se escreve e se imprime n'aquelle jornal, parece-me interessante falar na minha crónica do que elle foi e do que elle significou durante os últimos sete annos na imprensa portuguesa.

Meu querido amigo e mestre! — Perdoe-lhes, por que elles não sabem o que escrevem. Quando um homem tem trabalhado, lutado, sofrido e vivido honradamente como o meu amigo... que diabo! — até fazem que se revelem sentimentos tão pequenos, para melhor podermos avaliar toda a extensão das almas grandes!

Que medonha monotonia que seria a vida, se todos nos soprassessemos no trombo do elogio.

— For a Medicina de Balzac, uma das mais belas promissas da nossa literatura dramática contemporânea, que me fez aproximar de Gervasio Lobato. Estava eu então no *Diário do Commercio*, um jornal que ia

não existe, onde fiz as minhas primeiras armas; e de que ainda hei-de falar largamente mais tarde, quando tiver tempo e apontamentos para traçar um largo estudo do jornalismo em Portugal.

Por essa occasião ainda o *Diário da Manhã* conservava gloriosamente a sua reputação de primeiro jornal literário do paiz. Pinheiro Chagas, tendo em volta de si um grupo brilhante de colaboradores onde se destacava Guilherme d'Azevedo, o bom amigo e o illustre cronista que hoje descança, n'uma modesta cova, à sombra dos ciprestes de Saint-Ouen, um cemiterio das barreiras de Paris — Pinheiro Chagas conservava o jornal à sua devida altura, sustentando-lhe a gloriosa reputação da unica folha litteraria que existiu em Portugal. E era uma honra, como que um diploma de intelligencia, uma carta de recomendação ao publico ilustrado, escrever alguma cousa nas columnas d'aquella folha.

Ainda me lembro da primeira vez que eu ali publiquei o meu primeiro folhetim. D'aquelle escada em caracol que conduzia a uma especie de sub-solo, e d'aquelle sala de jantar do antigo Marquez de Pombal onde era a redacção do *Diário da Manhã* e onde eu ia ver as minhas provas. D'aquelle orgulho juvenil que me surprehendeu quando pela primeira vez eu vi — Mariano Pina — naquelle corpo X que ha tanto tempo me fascinava, que ha tanto tempo ambicionava! Todos que fazem uso d'uma pena teem semelhantes iguaes a esta. Futeis talvez — mas que fazem tão bem à alma...

A sala da redacção era vasta, imensa, com uma grande meza ao centro; aquella meza onde eu tantas noites trabalhei e onde trabalhei ao lado de Pinheiro Chagas, Guilherme d'Azevedo, Gervasio Lobato, Urbano de Castro, Joaquim Matilha Reis, Filipe Caldeira, Fernando Caldeira, João Costa, Augusto de Melo e outros que n'este instantes se acham no Pias, em São Janella, labirintos de marmores, de prodigiosa fabrica, que só os portugueses eram brindados a admirar.

nasmo. Ao fundo, num quarto que se chamava *randah* d'antiga construções árabes, se abrundera-se palco de um espetáculo de convento de Jesus, que se chamava o jardim — um hermoso jardim das Cesario Verde vinha sempre vestido de negro e com o Melo. E quando o jardim se abriu, dominado pelas magnificas decorações, ficavam os homens sentados em cadeiras d'um retângulo de ferro, e a gente se esbranquiçava pouco a pouco em tons de perola d'uma infinita docura...

— Creio não ofender ninguem declarando que Pinheiro Chagas é o unico jornalista que existe em Portugal. E da sua força e do seu genero, eu que os vejo aqui bem de perto, como elles trabalham e como elles produzem n'este Paris coberto de lendas — eu só tenho para compará-lo o nome de Henri Rochefort.

Pinheiro Chagas ha-de ser o mesmo a primeira pessoa que vai passar com o paral-

lelo — elle que ainda vê Rochefort através do seu ensanguentado da Communa. O autor da *Morgadinho* o lado do autor da *Lanterne!* Você está a mangar connosco?...

Ora Rochefort no *Intelligente* é o primeiro jornalista de Paris. E querem saber porquê? Por que sabe fazer tudo no seu jornal, melhor que todos os seus *reporters* e redactores especiais — por que é um jornalista completo.

Arranquei Wolf e Scholl ás suas chronicas mundanas, Vacquerie e Ranc aos seus artigos politicos; ajirem com elles para as outras secções d'um jornal — não saberão escrever duas palavras. Enquanto que Rochefort depois de escrever o seu brillante artigo politico, vai fazer a *reportage* do parlamento, a *reportage* secreta e a revista humoristica; o artigo de critica do *Salon*; a critica dramatica; a critica musical; a chronica dos tribunaes; a revista dos jornaes; a chronica mundana; a noticia; a *réclame*; tudo quanto queiram d'elle — e tudo brilhantemente.

E isto mesmo Pinheiro Chagas.

— Foi o *Diário da Manhã* o primeiro jornal moderno que se fez em Portugal, introduzindo a *reportage*; repeliendo corajosamente o velho sistema da informação mandada por um cabo de polícia e que, se publica na integra com todas as asneiras de gramatica e de bem-senso; introduzindo o folhetim e a chronica — jornal querendo seguir as pisadas do ligeiro parisense, mas que não pôde ter um largo futuro nem ser, como devia ser, o primeiro jornal de Lisboa, por falta de capital intelligente e d'um administrador habil. E no dia em que aparecer em Lisboa um director intelligente e honesto para fundar uma folha diaria como as ha em Paris — n'esse dia inaugura-se o começo d'uma grande fortuna. Por que o publico está farto do *vieux jeu*; d'estes jornaes onde pode haver talento, mas talento que se perde, pela ausencia absoluta d'uma direcção activa, profundamente moderna, que tenha estudado e comprehendido como é o jornalismo em França e em Inglaterra. E no dia em que esse jornal se fizer: nô dia em que aparecer o primeiro numero d'um jornal inteiramente novo no formato, no papel, na disposição typographica e na redacção — n'esse dia todo o publico ha-de correr para elle, sequioso como está dalguma cousa em termos!

— Essa fortuna e essa gloria ninguem melhor podia possuir-las do que Pinheiro Chagas. Bem sei que elle é um grande orador e um bom dramaturgo. Bem sei que tudo quanto rebenta sob o calor vinal da sua intelligencia é grande e magestoso. Mas a sua verdadeira organização é d'um jornalista — como Rochefort. Estar no seu gabinete a dirigir um bando de bons colaboradores, mandar-lhes apontar o assumpto para todos os lados; quando assumpto não ha, inventar o inventar, onde não houver inteligencia dos *reporters* chegar a ouvir e apresentar no dia seguinte a *total obra* prima para ser arregojada a dez reis, palavras d'uma cidade.

— E depois, em Lisboa, ainda são tão ingenuos os meios de que se usa para que um jornal seja lido!

O processo de Pinheiro Chagas era infalível. Quantas vezes pensou ele em reformar o *Diário da Manhã* onde presentia uma fortuna! Quantas cartas me escreveu para darmos uma nova direção ao jornal que elle tanto amava, e fazê-lo ir para diante! Mas o capital faltava; o capital ignorante recusava-se a compreender melhoramentos que haviam de trazer grandes benefícios. Achavam uma loucura, um disparate, mandar um *reporter* ao Porto assistir às festas que se iam realizar em honra do rei e da rainha! Achavam uma idiotice mandar um *reporter* à província quando se tinha perpetrado um crime! E Pinheiro Chagas para ver vender o seu *Diário*, para o ter sempre na brecha, provocando á leitura, só tinha que se servir do seu processo infallível e modico: Pegar num jornal de Lisboa, n'outro do Porto, n'outro de Coimbra, e desafiar uma questão literaria ou política. Os numeros vendiam-se aos centos!

— Que deliciosas noites que ali passaram, n'aquela casa de jantar do velho Marquez de Pombal, todos aqueles que hoje tem a hora de não fazer parte d'uma folha onde o seu illustre fundador é tão ridiculamente atacado!

Pinheiro Chagas, na intimidade da redacção, era mais franco e mais alegre que qualquer de nós — todos rapazes. O dito sahia-lhe agudo, vibrante, como o scintilar d'uma bôa punhalada. E as suas gargalhadas tão expansivas, tão cantadas, revelavam sempre uma frescura d'espirito que causaria inveja á mocidade ainda a mais entusiasta.

Gervasio Lobato, pela sua natureza um quasi nada indolente, onde os nervos pouco fallam, pela sua voz descansada, era o patriarca da chalaça, d'uma chalaça quasi de convento, tão bôa, tão alegre, tão portugueza, mas aperfeiçoada nos labios d'um fino folhetinista da epocha — chalaça que fazia estremecer as panças de satisfação.

Urbanó de Castro, este Juvenal da chonica portugueza, era sempre o mesmo typo mordente; o mesmo beiço torcido pelo sarcasmo; o mesmo olhito atrevido, com um certo strabismo que eu desconfio ser posico, e de que elle tira um *partidão* quando pisca; o mesmo corpinho que parecia ter uma gibba sobre os hombros quando elle ia a rir para os cantos e para o jardim em convulsões de troça — quando algum *medalhão* fallava... E quando elle se juntava com Jayme Batálha Reis! Minha Nossa Senhora do Rosario! o que estes demônios diziam, o que estes demônios descobriam, o que estes demônios inventavam!... Parecia um desenho. Qual dos dois havia de mostrar mais esplêndido, mais graca, mais humorismo; qual dos dois havia de fazer estalar com mais força o chicote de troça e da satyra. E os dois eram eminentes! De Batálha Reis provam-n'lo as palestras que ficaram vivas na memória de todos nos. De Urbanó de Castro provam-n'lo os seus soberbos artigos de critica e de polémica.

E por entre estas bacchanas de gargalhadas fa-se fazendo o jornal, sempre mo-

derno, sempre cheio d'actualidades sympathicas, lutando contra o *primeiro andar* que lhe pesava constantemente em cima — e que por sim o esmagou!

— Este ultimo periodo da sua existencia é seguramente o mais desanimador.

Um rheumatismo impertinente ausentou durante alguns meses Pinheiro Chagas da redacção. Estava o partido progressista no poder. E pouco a pouco foram descendo as escadas as influencias politicas. E começaram a aparecer os irrígos de fundo feitos apenas de insolências, de grosserias, de toda a *cobula* imbecil e incivil que suja certos jornais, e que certos idiotas comprehendem como liberdade d'impresa, quando não passa de licença e abuso que a justiça devia reprimir. E aquellas gloriosas e alamadas columnas começaram a ser invadidas por esta indecencia — a Correspondencia politica — palestras difamatorias de boticas d'aldeia, onde se combatem administradores do concelho e governadores civis ao insulto e á pedrada!

Pinheiro Chagas desanimou totalmente. Mandou retirar da cabeça do *Diário da Manhã* o seu nome que elle não queria ver enovalhado. Os colaboradores desanimaram tambem. Uma chronica de Lisboa, de actualidade palpitable, era posta de lado — para se dar publicidade a doze columnas chegadas á ultima hora d'Arganil! Retirava-se a critica dramatica do successo da vespera — para deixar falar Castello de Vide!...

Hoje o *Diário da Manhã*, esta folha que deveu todo o seu successo a Pinheiro Chagas; que foi o primeiro jornal de Lisboa pelo seu caracter eminentemente litterario; que conquistou a celebridade e o respeito pelo modo intelligent e superior como era escripto o artigo de fundo, a chronica, o folhetim, a critica e a noticia, pelo modo como procurava e escolhia a sua collaboração — pode-se dizer que um jornal morto.

— Vamos apanhar o cigarro e mestre, e vamos apanhar o cigarro! Companheiros de redução, não temos tanto admira, nicas célebres, ou companhos tão grande desgosto, que nem malhumores! accompanharei n'esta luta, apesar da tua banalidade insolente que sempre te fará sempre triunfar! E se o *Diário da Manhã* novo jornal estarei comovido! Se o *Diário da Manhã* de todos — mas não de todos — por certo o menos dedicado.

Pobre *Diário da Manhã*...

MARIANO PINA.

UM NOVO COLLABORADOR

A ILUSTRACAO tem a honra de anunciar aos seus leitores, para o proximo numero, a publicação d'um soberbo conto devidão á pena do sr. CONDE DE FICALHO.

Ha tempos que nos circulos litterarios de Lisboa se espera a apparição dos seus *CONTOS ALHEIRES*, de que diriam maravilhas os amigos intimos que os traham podido apreciar.

Cabe hoje a ILUSTRACAO — graças das sympathias com que é acolhida por todos os lados — a honra de revelar ao publico um desses deliciosos estudos tocados pela mão d'um fino e brilhante artista. E todos nós sentimos verdadeiro orgulho por poder inscrever na lista cada vez mais sympathica dos nossos collaboradores o nome do sr. CONDE DE FICALHO — nome que vai ser tão respeitável no mundo da pura litteratura, como já o era no mundo scientifico.

AS NOSSAS GRAVURAS

A COMPANHEIRA FIEL!

No momento em quo escrevemos está declarada aberta a caça em toda a Europa. Correm-se os campos, batem-se os matus, a espingarda ao homem, a matilha na frente, a descoberta do animal que se esconde numa moita, numa toca, ou que levanta voo diante da perseguição dos cães.

Será preciso explicar-lhes o assumpto do soberbo quadro de genero que abrillanta a nossa primeira pagina? O velho caçador foi buscar ao armario a sua espingarda, a sua amiga, a sua companheira fiel. Ha meses que a não ve, que a não appoia sobre o homem, que lhe não introduz no estomago nem polvora, nem papel, nem bagos de chumbo. Ha meses que ella o não acompanha nas suas queridas excursões venatorias, porque a caça tem estado fechada — tem estado prohibida pela autoridade.

Mas hoje já se vêem os avisos brancos pelas esquinas, já a ordem appareceu nas taboleiras das repartições, já se pode utirar a uma lebre ou a uma perdiz. E o momento de tirar do canto a bona espingarda, de a examinar, de a limpar, de lhe sorri, como se sorri a um amigo que há muito se não ve...

Bos e leal companheiral! De quantas alegrias, de quantas cominações vais ser origem! E quando os turinhos o bom velho te ha-de dispensar, quando ao entrar em casa, a rede cheia, forçado de ti que rescendes um bom perfume de polvora queimada!

A pagina que hoje damos é também curiosa e instructiva por que nos mostra o quanto se acha desenvolvida a pintura e a gravura em Inglaterra. A *companheira fiel* é um quadro originalissimo pelas sua factura, pelas suas tons de lux, pela rudeza de traços que tão bem vai com o assumpto. A Inglaterra e a França são os dois países que hoje mais predominam entre os artistas de arte, e d'ante tipographicas é deviduo ver como n'estes dois países a pintura e a gravura conservam um ar de originalidade, distingue-se francese e inglesa, particularmente, de tudo quanto se faz neste gênero em resto do mundo.

A *companheira fiel* é uma figura fantástica, empotinada, e é no mesmo tempo uma figura dum realismo adorável. Que é isto de cães?

O numero 10 da ILUSTRACAO é na sua maior parte consagrado a *assumptos chineses*, à guerra entre a França e a China, vêem dar a maior actualidade a primorosas gravuras que nos acabamos de comprar em Paris e Londres, reproduzindo originalissimos desenhos dos artistas mais estimados da Europa.

Tambem publicaremos n'este numero uma gravura representando a magnifico contragado *MIACHELLO* que ficou de ser construido nas docas de Londres por conta do Governo brasileiro.

O numero 10 espõe-o necessariamente o mesmo sucesso que alcançou o n.º 7 sobre o cholera e o n.º 8 sobre as prais.

A ILLUSTRAÇÃO

ANÁLISES DE GEORGE SAND

O seu último número da *Ilustração* apresentava-nos a leitura de *George Sand*, o grande escritor do século XIX, inaugurada em Paris no dia 30 de julho.

Hoje a *Ilustração* presenta-nos contribuições num grande

II. EPPENSON

sublinhando estes temas forjados

no dia 1º de agosto ul-

timamente, uma pa-

gina dedicada à

“W. H. BRONWYN”

que “existe tantas refor-

derdependentemente que foi

uma das mais poderosas

individualidades do roman-

tismo em França.

Os livros de George Sand são tão numerosos e tão conhecidos do público, que escusado será fazer resenha ou notícia. George Sand, assim como Dumas e Hugo, são nomes que passaram a fronteira francesa e que encontraram o mesmo sucesso e que despertaram a mesma curiosidade não só em toda a Europa, mas em toda a América.

Num rápido artigo do



nosso colaborador Gil-Vicente encontraria os nossos leitores algumas notas curiosas. Mas chamamos-lhe especialmente a sua atenção para as nossas gravuras:

— A que representa a estátua, obra do grande escultor Millet, e que foi um dos sucessos do penúltimo Salão de Paris.

— E para o magnífico retrato de Sand, rodeado de pittorescas e delicadíssimas allusões às suas principais obras, composição de Morin, um ilustre desenhador francês — retrato executado ainda em vida de George Sand, segundo a última fotografia que a celebre escritora tirou no atelier de Nadar.

Eis o que nos pareceu de mais curioso e de mais original apresentar aos nossos leitores no momento em que George Sand é de novo a rainha da actualidade, isto é: no momento em que a posteridade se apoderou d'este nome que representa um dos mais bellos talentos literários do nosso século.





GEORGE SAND NO DIA
10 DE JUNHO DE 1861 (1861, 57)

A ILLUSTRAÇÃO

O NEGOCIANTE D'ÓPIUM

Se o teem sido só os europeus, como também os mais civilizados dos mandarins e ministros do Céleste Império que se tem querido combater este abuso terrível do ópium que tanto mal produz na China. Mas o vício é universal, ta nossa curiosa gravura representa uma dessas lojas de Pekim onde o vendedor de ópio está dividindo em pequenas porções o terrível veneno por que estão anciacos milhares de imbecis a quem o vício dentro em poucos anos haverá aniquilar totalmente.

GRAVURA DESENHADA POR UM INGLEZ

Os ingleses adoraram sempre Cintra, e começaram em Lord Byron. E mesmo o reino de Portugal que elles mais admiraram, o que prova que elles não são neófitas tólos, e o que elles mais conhecem. Se elles ainda não admiraram o resto do paiz a culpa não é dos bons viajantes — é dos governos da Portugal que ainda não pensaram, tão encravados elles andam na política! a tornar acessível por meio de caminhos de ferro, a todos quantos o visitam, este bello e esplêndido paiz onde a natureza é a mais encantadora de toda a Europa.

E os tipos? Que colecção admirável de tipos populares que Portugal possue. Olhem para a nossa gravura. A scena não pode ser nem mais simples, nem mais vulgar. Uma fonte e dois carreiros tratando de encher uma pipa. Mas os costumes dos personagens tem um pitoresco vivo e insinuante, e aquella fonte, aquele bocado de estrada no caminho que vai de Cintra aos Seteais é bem verdadeiro; e aquillo mesmo Portugal.

O artista inglez que enviou o seu excellentíssimo desenho para uma publicação artística de Londres, levou a sua escama para com a Ilustração ao extremo de nos confiar amavelmente uma cópia do seu primoroso trabalho. Se temos que nos solicitar pela acção de suas zonas e de agradecer plenamente o seu trabalho, os assiduos colaboradores da revista, assim como os pôrreiros reprodutores de gravuras, que tanto deve penhorar os nossos leitores de Portugal.

PRAZERES DE VERÃO

Os artistas só agora pensam no campo. Nos meses de julho a setembro ninguém lhes obtém uma pagina que não tenha por assumpço o campo ou as praias. Mas também que páginas deliciosas que elles nos dão!

Vejam o nosso desenho. O eterno drama do amor. Em volta à natureza é toda explêndores, está toda em festa. A verda e suavissima, o ar fresco, ha sombras ideias, e ao lado corre o eterno regato, o bom do eterno regato, tão limpo, tão murmuroso, desfazendo-se em toalhas crystallinas, de pedra, em pedra, até se perder de vista... Será banal, será piegas, será tudo quanto os srs. scepticos quiserem, mas quando se têm vinte annos estas coisas tão bengas e tão vulgares constituem o melhor de todos os mundos, um mundo de illusões, de chimeras felizes, a alma alegre, o coração radiante, e a consciência tranquilla.

Elle deixou cair o livro em que estava lendo, levou a Gratielle de Lamartine — quando Elle a compreendeu. O silencio dos dois talvez seja ridículo para os que passaram já a idade das paixões ou para os que nunca affeições tiveram. Mas esse quando frio e triste de scepticos dará bem cinco annos da sua existencia para que o Diabo do Fausto os rejuvenescesse durante uma hora, para poderem gozar de todas as illusões d'uma mocidade expansiva e apuradissima.

Página encantadora e simples! Quizeramos

saber ao certo quantas saudades vae despertar, e quantos labios vae fazer sorrir de prazer...

SANT'ANNA NERY

REDURCO José de Sant'Anna Nery nasceu na cidade de Belém, capital do Pará, em 1848.

Aos 7 annos d'idade, orphão de pai e mãe, foi para Manaus, capital do Amazonas, onde estudou até 1862.

Neste anno veio para França, e em 1867 era bacharel em bellas-letras.

Em fins de 1869 seguiu para Itália e em fins de 1870 formou-se em direito pela Universidade de Roma.

Em 1871, o dr. Altredo de Macedo, actual encarregado de negócios do Brasil em Hespanha, apresentou-o ao Conde de Villeneuve, então ministro do Brasil na Suíça, o qual lhe confiou a correspondência do Jornal do Commercio do Rio de Janeiro, em Roma.

Por este tempo fundara-se em Paris tendo à sua frente Gambetta, a République française, e foi Sant'Anna Nery o seu correspondente em Roma, assim como da Patrie, de Genebra, jornal do famoso chefe radical Carteret.

Em janeiro de 1872 aceitou o lugar de redactor em chefe de um jornal anti-infâlistico, onde se conservou até Março de 1873.

Depois de algumas viagens pela Europa fixou definitivamente a sua residência em Paris em Outubro de 1874. Começou então a escrever para o Jornal do Commercio os folhetins Vér, Ouvir e Contar, e, a cabo de poucos annos, tendo falecido o correspondente político do Jornal do Commercio, ficou também com a correspondência política dessa folha.

Em 1878 temia parte no « Congresso Literário Internacional », e tentava fundar uma Sociedade International dos jornalistas. Neste ano entrou também membro da comissão organizadora da Exposição Literária Internacional da Sociedade des gens de lettres.

Em 1879 participou no « Congresso Literário Internacional » de Londres sendo um dos oradores principais, e tendo obtido o diploma de membro da Sociedade International dos giornalisti italiani.

Em 1880 organizou o primeiro banquete patriótico para celebrar o aniversario da independência do Brasil, fundando-se por essa occasião a Sociedade de Beneficência brasileira. Em 1881 fundou-se um jornal brasileiro em Paris para que elle foi nomeado redactor em chefe. Em 1882 foi ao Brasil que elle não visitava havia 20 annos, e onde o nomearam oficial da Rôsa. E ultimamente o governo francês nomeou o cavalleiro da Legião de honra.

Entre as suas obras que correm impressas destacam-se principalmente: Les finances politiques (1871). — La logique du cœur (1872). — Un poète brésilien: Antonio Gonçalves Dias (1873). — Camões et son siècle (1879). — Lettre sur le Brésil: Réponse au « Times » (1880). — Le pays du café (1881). — La question du café (1883). — La bataille de Rachuelo (1883). — La civilisation dans l'Amazone (1884). — Um homem de letras (1884).

É tem colaborado no Jornal do Commercio (Rio de Janeiro). — Liberta e Journal de Rome (Roma). — Patrie (Genebra). — République Française, Paris, L'Opinion, le Figaro, etc. (Paris). — Society (Londres).

Em este momento tem no prelo uma grande obra — Le pays des Amazones — um vol. in-8º com mais de 100 ilustrações e dois mapas para o que obteve uma subvenção da Província

do Amazonas da qual é agente na Europa desde o anno findo.

Nestas rápidas notas está traçada toda a vida do activo e intelligentíssimo jornalista de quem hoje damos o retrato, e que o governo francês, por proposta do sr. Jules Ferry, acaba de agraciar com o título de cavalleiro da Legião d'Honra. Sant'Anna Nery é um dos jornalistas brasileiros mais conhecidos em todo o Império pelos seus folhetins parisienses do Jornal do Commercio do Rio de Janeiro, que elle escreve regularmente há sete annos, e onde elle dá conta aos milhares dos seus leitores do movimento francês, com grande justezza e intelligencia.

E depois não ha só a notar em Sant'Anna Nery o jornalista distinto, ha também a encantar o patriota exaltado trabalhando constantemente pelo bom nome do seu paiz. Sant'Anna Nery dizia-nos um dia:

— A minha política cifra-se nisto: defender o Brasil no extrangeiro sempre que o Brasil tenha razão... e defendê-lo ainda mais pertinazmente quando mesmo a não tenha. A putrin é mae. Ninguem confessou os defeitos da mãe a estrangeiros...

Não serão estas palavras o maior elogio que se possa fazer do seu carácter?... E quanto vale o escritor, os nossos numerosos leitores do império sabem-n'o tão bem como nós, para que estejamos aqui a acumular elogios que se poderiam levar à conta d'estima, quando da nossa parte não haveria senão a tensão firme de fazer justiça.

O DR. KOCH

No foi sem trabalho que a Ilustração poude obter da Alemanha um retrato do celebre dr. Koch. Quizemos dar o com o nosso numero 7, o número que dedicámos aos acontecimentos do cholera em França, mas só ha poucos dias nos chegou a Paris a photographia, e nem tempo tivemos para a fazer entrar no nosso numero 8.

O nome do medico alemão esteve agora tanto em evidencia na Europa que seria imperdível não tornar conhecida a physionomia deste illustre homem de ciencia. Os trabalhos que mais tem dado celebriade ao dr. Koch são os que elle tem feito sobre o cholera, sendo um dos primeiros medicos europeus, senão o primeiro, que um dia seguiu para o Egypcio indo para o foco da epidemia estudar o microbio.

Este anno fez a mesma peregrinação a Toulon, quando o cholera se declarou em França. As opiniões do dr. Koch sobre os modos de combater a epidemia diz-se que não um tanto opostas às dos medicos franceses. Mas os jornais europeus adiantaram-se a dar notícias perfeitamente erradas, pois o dr. Koch ainda nada revelou ao publico como resultado dos seus estudos e observações, e apenas numa reunião íntima de medicos de Berlim se limitou a dizer que não fazia ao publico nenhuma comunicação pois que o assumpto era ainda tão delicadamente científico que não podia andar pelas columnas dos jornais diários, e apenas devia ser discutido nas academias e revistas científicas.

O relatorio do dr. Koch é esperado com grande curiosidade não só na Alemanha, como também em França e em Inglaterra, e a França que sabe sempre pagar as suas dividas de gratidão e prestar homenagem a todos os talentos — nacionaes e estrangeiros — não hesita um instante em oferecer a cruz da Legião d'Honra ao illustre homem de ciencia que fôr a Marselha e a Toulon estudar o modo de combater o chocho.

Este acto de extrema delicadeza e de justiza foi apreciado do modo o mais sympathico por toda a Europa, e a França teve occasião de Ver novamente quantas dedicações possue, quanto estimão lhe dispensam por todo a parte — pelo seu espirito superior e pelo seu grande larguezza d'alma.

O CHOLERA EM FRANÇA

A NOSSA curiosa gravura representa um lazareto na fronteira franco-italiana, onde se armaram barracas de campanha para obrigar todos os viajantes vindos de França a uma quarentena de quatro e sete dias, conforme a procedência.

Os viajantes não podem sair d'aquele valle. Estão ali vigiados por soldados italianos. À entrada do abarracamento há umas cordas fechando todo o qualquer comunicação com o solo de Itália. Os vendedores italianos de frutas, leite e vinho passam por ali uma vez por dia e os quarentenários sequiosos de bom leite e de bom vinho, fumintos de bucas laranjas, correm ao limite do lazareto para comprar tudo quanto aparece — e Deus sabe por que preços! Não há fugir à especulação. E os soldados não saem um minuto do seu posto, para evitar que algum suspeito do cholera possa fugir e introduzir-se em Itália sem ter passado pelo regulamento de sanidade.

Apesar do cholera em França ter decrescido enormemente, as quarantenas ainda existem, em Itália como em Espanha, o que tem paralisado quasi todo o movimento de passageiros em todo o Meio Dia da Europa.

NOITE DE VERÃO

Só dois artistas da força de Vierge e de Gobin poderiam produzir paginação tão bella como esta, dando todo o tom phantastico que elle possue, a um assunto que afinal é todo verdade.

Abstemo-nos de quaisquer palavras para ilustrar a nossa gravura. Não precisa explicações. São quadros que todos sentem, que todos advinham, que todos comprehendem — por que todos os têm visto, os têm admirado na propria natureza.

NÓS

(a. A. DE S. V.)

I

E OR quando em dois verões seguidamente a Febre a Cholera também andaram na cidade, Que esta população, com um terror de lebre, Fugiu da capital como de tempestade.

Our meu pôl, depois das nossas vidas salvas, (Ai então nós só tivermos surampo!) Tanto nos vió crescer entre os monstros das malas Quo elle ganhou por isso um grande amor ao campo!

Se acaso o conta, ainda a fronte se lhe enruga: O que se ouvir sempre era o dobrar dos sinos; Mesmo no nosso pôl, os outros inquilinos Morreram todos. Nós salvámos-nos da fuga.

Na parte mercantil, fôco da epidemia, Um panico! Num um navio entrava a barra, A alpendre parou, nonhuma loja abriu E os turbulentos caos cessaram a algazara.

Pela manhã, em vez dos trecos dos baptizados, Reduziam assim cessar as seges dos enterros. Que triste a succassão dos armazéns fechados! Como um domingo ingles na « city » que desferros!

Seu canalização em muitos burgos ármos, Socavavam delecções cobertas de moqueiros. E os medicos ao pé dos padres e côncluos, Os ultímos fols tremiam dos enfermos!

Uma iluminacão a azul de purpura, De noite aparcavam os predios macilentos. Barricas d'alcante ardia, de manôlha Que imitava tons distinguidos outros estranheiros.

Porem, de fôco, à solta, exageradamente, Era quanto acontecia essa catimidade. Toda a vegetação, plethora, potente, Ganhava umenso com a enorme mortandade!

Nun impeto de soler os arvorados farts Numa opulenta fúria as novidades indias, Com uma universal celebração de bolas; Ameronse! E depois houve soberbos partis.

Por isso, o chefe antigo e bom da nossa casa, Triste d'ouvir falar em orfãos e em viúvas, E em permanencia olhando um horizonte em brasa, Não quiz voltar nem depois das grandes chuvas.

Elle, d'um lado, via os filhos achacados, Um lívido flagello e uma molestia horrenda! E via, do outro lado, eiras, feziras, penulos, E um suflar refagio e um lucro na vivenda!

E o campo, desde então, segundo o que me lembrá, É todo o meu amor de todos estes annos! Nós vamos para lá; somos provincianos. Desde o calor de maio aos frios de novembro!

Q uareira de fruta! E que fresca e temperada, Nas duas boas quintas bem muradas, Em que o sol nos talhou e nas latadas, Bate de chapas, logo de manhã!

O laranjal de folhas negruras, Porque os terrenos são resvaladiços) (Desce em socós todos os maceiros, Como uma escadaria de gigantes.

Das courelas, que crim coroas, De que os donos — ainda! — pagam fôrmos. Dividem-nos fechados piospiôrios, Abrigos de raizes verticais.

Ao meio, a cusraria branca assenta Á boleia da calçada, que divide Os sacuros pomares de périge, Da vinha, n'uma encosta soalhenta!

Entre tanto, não ha maior prazer Do que, na placidez das duas horas, Ouvir e ver, entre o chilar das nobas, No largo tanque as bicas a correr!

Muito ao fundo, entre primeiros secarias, Seca o río! Em tres mezes de aragem! O seu leito é um atalho de pacagem, Pedregosissimo, entre dois logares.

Como lá forem seixas e burguas! Rólicos! Marinham uns judeus Os requeiros africanos das piteiras, Que componho espirgau estes pais!

Montanhás linda mais longamente, Com reservas, com combate como novas Lembra cabecas estupendas, grossas, De cabefio grisalho, muito rente.

E, a contrastar, nos vales, em geral, Como em vidraga d'uma enorme cratera, Tudo se atreue, se impõe, sierga e entufa, D'uma vitalidade equatorial!

Que de frugalidades nós criamos! Que terror expontâneo quo nós somos! Peia outonal maturação dos pomos, Com a cargo, no chão poussam os ramos.

E assim pastas, nos barroes e areias, As macelas vergadas fortemente, Parecem, d'ume fauna superehondense, Os polypos enormes, diluviales.

Contudo, não temos na fazenda Nem uma planta só de mero ornato! Cada pé mostra-se útil, é sennato, Por mais Enos aromas quo rescenda!

Finalmente, na fertil depressão, Nada se vê que a nossa mão não regre! A florescência d'um matiz alegre! Mostra um signal — a fructificação!

*
Ora, ha dez annos, n'essa chão de lava E argila e areia, o alluvião dispersus, Entre espécies botanicas divergentes, Forte, a nossa familia radura!

Unicamente, a minha coxa irma, Como uma tenue e inimiculada rosa, Dava a nota galante e resplandente. Na tribalheira ruística, aldeia,

E fôco n'um anno prodigo, excellence, Guia amargura n'este céu que adice, Que mís perdetos essa flor preciosa, Que crescem e morrem rapidamente!

Al daquelles que nasceram n'este céu, E, sendo fracos, sejam generosos! As doutras assaltam os bandidos E — custa a crer — deixam viver os maus!

★

Fecho os olhos cansados, e descreve Das talas da memória retocadas, Biscates, hortas, batatas, latadas, No país humaníssimo, com relevos!

Ah! Que aspectos benignos e rurais N'esta bondade tudo, tudo, Ao iras, com o banco da paixinha, Para a sombra que fiz, nos parecemos!

Ah! Quando a calma, à este, nem consente Que una folha se move ou se desmanche, Tu resfeta e feliz com « teu a lanch », Nos ajudavas, voluntariamente h...

Era admiravel — n'este gru do Sul! — Entre a rama avistar teu rosio alvo, Verte escolhendo a uva diagalo, Que eu embarcava para Liverpool.

A exportação de frutas era um jogo: Dependiam da sorte do mercado O ban, que é de pérulas formado, E o fortal, que é ardente e cheio de fogo!

Em agosto, no calor canicular, Os passaros e enxames tudo infestam; Tu cortavas os bagos que não prestam Com a tua tesoura de bordar.

Douradas, pequeninas, as abelhas E negras, volumosas os bezouros Circundavam, com impetos de toiros, As tuas candidissimas orelhas.

Só uma vespa lancava o seu furro Na tua cutis — pétala de leite! — Nós colhíavamos dos rôis e azeite Sobre a galante, a rose inflamada!

E se tivesse, ja faro, arrongado, Com o chapéu caçava a bicharia, Cada rango voando, à luz do dia, Lombava o teu dedal arremessado.

★

Que l'encantos! Na força do cator Desabrochavas no padrão da bata, E surgindo da gola e da gravata, Teu pescoço era o caule d'ume flor!

Mas que cogueira a minha! Do teu porto A fina turva, a indefinida linha, Com bondades d'herbivora mansinha, Eras pronunciadas fraguezas e morte!

A procura da libra é do « shilling », Eu andava abstracto e sem que visse, Quis o teu alvor romântico de « miss », Te obrigava à morrer ante de mim!

E antes tu, aer lindissimo, nas faces Tivesses a panno e como as camponezas, E sem brancuras, sem delicadezas, Vigorosa e plebeia, iada durasse!

Una módes de carnizosa forza, Podias ter em vez de inofensivos; Tinhas, caninhos, tinhas incisivos, E podias ser rude como nós!

Pois n'este sôlo, que era de sequela, Todo o gênero ardente resistia, E é larguissima lux do Meno-Dia, Tomava um tom opalico e iridescente.

★

Sim! Europa do Norte, o que espõe, Dos verdes que abarrotam tout longueurs, Quando os dockers combatem, os patifes Chegam assim com suas garras!



W.H. Overend.

PORTUGAL. — Cintura de Portugal, feita por um inglês. A « Sabugue. »



A ILLUSTRAÇÃO

... Os ricos e prímeiros da nossa terra
São frutas raras... idas, tardias,
Lembrais das que se acham
Na primavera d'Inglatera? ...

Só vidas felizes, alegres,
Os novos coros, nobres das húlfas,
Onde portadas de país que vos estulta
Vida e fruta que não de seu quintal?

Todos os anos, que o sol se exalte,
Aqui desfilam telas que ou recordo:
Carradas brutas que vão para bordo
Vapores por aqui fazendo escala!

Uma fala parece musada!
Por doce não serviu para amarque:
Nunca que modelou Hyde Park,
Não conheceu esse divino mal!

Na Corón, o Bacco, o Almirante,
Na se um mae-feste em que há cores,
Vim em voz que doceza as nossas forças,
Vida é um verão ilimitado!

Melos Saxonios, lendas que invejar!,
E com elas, comparas convosco!
Tudo tudo exponho, alegre, trago,
E só momento, saudar!

As flores que dão os vinhos
Vivem em descoras,inda quentes!
As flores, certamente,
Vivem em descoras,indo quentes!

As flores que dão os vinhos
Vivem em descoras,inda quentes!
As flores, certamente,
Vivem em descoras,indo quentes!

Bem-sucedidas corremos,
O não é certo, as lâminas e o estofo;
Tudo o que é mais distil, de mais foto,
Tudo o que há de mais rijo e resistente!

Mas isso tudo é falso, é machinal,
Sem vida como um círculo em um quadrado,
Com essa perfeição do fabricado,
Sem o gosto do vivo e do real!

E não santo sol, sobre isto tudo,
Faz conceber as verdades liberdade,
Lâmina rosacea belas e fructíferas
Mas searas de fruto phantasma!

Uma alegria daqui é mais feliz,
Londres sombria em que scintila a coroa...
Meu que tu, que vive a compor-te,
Grande rei agradável de Paris!...

Ah! Que de glória, que de colorido,
Quando por meu mandado e meu conselho,
Cai os empapelam « as marcas despacho »
Que Herbert Spencer tivera comido.

Para algumas são proósicos, são banas
Estes versos de fibra sincolenta;
Como se a culpa que nos desacosta
Nem ao menos valesse uns madrigais!

Pois o que a boca trava com surpreza
Sendo as frutas tóxicas e púras!
Ah! Num jantar de carnes e gorduras
A grata vegetal das sobremessas!...

Jack, marido inglês, tu tens razão
Quando, encorado em portos como os nossos,
As tu rãmas com cascas e carócas
Coras com bestial infreguidão!...

A impressão d'outros tempos, sempre viva,
De estremeces no meu passado morto,
E uma visão, muita vez, aberto,
Pelas varzeas da minha recordação,

Então recordo a paz familiar,
Todo um paiz pacífico d'engano;
E a dança final d'um poucos d'annos
E a amante, censura, d'augmento.

Todos os tipos mortos ressuscitam!
Perpetuam-se assim alguns minutos!
E eu esqueço os caros diminutos
Dentro d'um voo de lagrimas benditas.

Pinto quadros por lettras, por signaes,
Tão luminosas como os de Levante,
Na horas em que o sol é mais quente,
Na quadra em que o verão aperta mais.

Como deslacam, vivas, certas cores,
Na vida, externe chão d'alegria!
Horas, vozes, locas, physionomias,
As ferramentas, os trabalhadores!

Aspiro um chão a condura, e a far
E a rama de pinheiro! Eu adivinho
O resincoso, o tão agreste pinho
Serrado nos pinhaes da beira mar.

Vinha cortada, nos faixas, a madeira,
Cheia de nós, d'imperfeições, de rachas,
Depois armavam-se, num prompto, as caixas
Sob uma calma espessa e caladaria!

Felas e fortes! Punham-lhes papel
A forrai-as. E em grossa serradura
Acinava-se à uva prematura
Que não devia servir para tóton!

Cingiam-nas com arcos de castanho
Nas ribeiras cortadas, nos riachos;
E eram d'assucar e calo os cachos,
Crinados pelo esterco e pelo amanho!

O pobre estrume, como tu compões
Estes pampões doces como afagos?
« Dedos de diamo » : transparentes bagos
E « Tetas de cabra » : initeas carnacões!

E não eram calxites bem dispostas
Como as pesas de Málaga e Alicante;
Com sua forma esvelta, ignorante,
Estas pesavam, brutalmente, á costas!

Nos vinhateiros via fulgurar,
Com tanta cal que torna as vistos cegas,
Os paralelogramos das adegas,
Que têm lá dentro as dormas e o lagar!

Que rudeza! Ao ar livre dos estios.
Que grande safada! Apressadamente
Comprava-se um martelo frequente,
Véspera da saia dos mafios!

Ah! Ninguno entender que no meu olhar
Tudo tem certo espírito secreto!
Com folhas de sandalo um objecto
Dela raizes duras de arrancar!

As navalhas de volta, por exemplo,
Cujo bico de passaro se arredia,
Forjadas no caborre d'uma afeita,
São antigas amigas que eu contemplo!

Ela, em seu labor, em seu lidar,
Com sua ponta comba das podoas,
Serviam pratos dignos, bons,
Nunca tintas de sangue e de matar.

E as enxadas de martelo, que d'um lado
Cortavam mais do que as enxadas cavam,
Por outro lado, rápidas, pregavam,
D'uma pancada, o prego fasquidão!

O meu animo verga na abstenção
Com a espinha dorsa, dobrada no meio,
Mas se de maternes descubro um rolo
Ganho a mosculturada d'um Sancho!

E assim — e mais no povo a vida é coroa —
Amo os officios como o de ferreiro,
Com seu fôle arquejante, seu braçal,
Seu malho retumbante na bigorna!

E salto, se me ponho a recordar
Tanto utensilio, tantas perspectivas,
As antigas, primitivas,
E a louridaval alma popular!

O que brava alegria em tenho quando
Sinto qual como os meus! E, sem talento,
Sem um trabalho técnico, violento,
Sem um praguerio, batinhando!

X

Os frutinhos, cortados pelas soce,
Todavia pegando multa vez a rain,
E exportos, entre os mais que os inis,
— Pobres campões — clamantes heróes.

E por isso, com primitivo impulsionismo,
E colorido, e esplendor, e fulgor,
As faces das rúas, das ruas da vila,
Pintavam como novo o mundo.

De como, á calmas, n'essas excursões,
Tinham águas salobras por refrescos;
E amarelos, anormes, gigantescos,
Lá batiam o queixo com secos!

Tinham corrido já na adusta Hispania,
Todo um feril platô som arvorados,
Onde armavam barcas nos vinhedos,
Como tendas alegres de campanha...

Que pragas castelhanos, que alegria!
Quando contavam scena de pousadas!
Adoravam as cintas encarnadas
E as cores, como os pretos do sortudo!

E tinham, sem que a lei a tal obrigue,
A educação vistosa das viagens!
Una por terra partiam e estalangens,
Outros, aos montes, no céu d'um brigue!

Só um havia, triste e sem falar
Que arrastava a maior misanthropia,
E, roxo como um figado, debia
O vinho tinto que eu mandava dar!

Pobre da minha geração exangu!
De ricos! Antes, como os abrutados,
Andar com uns sapatos encabudos,
E ter riqueza chimica no sangue!...

¶

Mas hoje a rústica lavoura, quer
Seja o patrício, quer seja o jornaleiro,
Que inferno! Em vio o lavrador rasteiro
E a silhurada lidam, e a mulher!

Desde o principio ao fim é uma macada
De mil demônios! Torna-se preciso
Ter-se mito vigor, muito juizo
Para trazer a vida equilibrada!

Hoje eu sei quanto custam a criar
As capas, desde que eu as pedo o emprego.
Ah! O campo não é um passeatempo
Com bucolismos, rouxinheos, luar.

A nós fudo nos rouba, e nos dizima;
O rapaz, o imposto, as pardaladas,
Ao orgas peçonhetas, achabadas,
E as abelhas que engordam na vindima.

E o pulgão, a lagarta, os caracóis,
Ela inda, além do mais com que se extinga,
As intempéries, o granizo, a queima,
E a concorrência com os hespanhos.

Ná venda, os vinhateiros d'Almeria
Competem contra os nossos fazendeiros.
Dão frutas aos leilões dos estrangeiros,
Por uma cotidão que nos desvia!

Pois tantos contras, rudes como são,
Foras e telmos, o compõem destronar.
Venham de lá pesados os comboyos
E os « buques » estivendo no porto!

Não, não é justo que en a culpa lance
Sobre estes nadar! Puras bagatelas!
Nós não vivemos só de coisas bellas,
Nem tudo corre como n'um romance!

Para a Terra parir, hado ter dor,
E para obter as asperas verdades,
Que os agrónomos curram nas cidades,
E a sua custa, aprende o lavrador.

Ah! Nâz eram insetos nem us aves
Quic os daban dias tão difíceis,
Se vós, sábios, os gente, descobrísseis
Como se curam na doceas graves.

Não valei nada a cava, a enoxofra, e o mal,
Difficuloso trato das ceas.
Lutas constantes sobre as jornas caras!
Compras de bois nas feiras annuais.

O que a alegria em nós vestiu é mara,
Não é rede arrastante, é esmalte,
Nem é « tutto » queimante como um fache,
Nem invadida bárbaras d'herva pata.

Podia ter socado o poca em que eu
Me abeucava, e te pregava sustos!
E mais as herbas, arvoras e arbustos
Que — farta vez — a tua mão colhou.

Molesia negra — negra charon a uno-sa.
Como um arbore incendiando as partas!
Tão pouco as buscas e invasivas partas
Desconhece legião de phytocota.

Podiam mesmos, com o que contém,
Os muros ter caído os invernos!
Somos fortes! As nossas armas
Têm vencido e dormem muito bem!

Que os rios, sim, que como toros rugem,
Tristemente ouvem-nos um reflexo!
Choraram de realce as montanhas!
Kriegsgefreiten, ouvem com fervoros!

As noivas cheias de novembro, em vez
De nateiros subil que ferilis,
Fossem a imundez que tudo pisa,
No rebentos afogasseis muita vez!

Ah! Nesse caso pouco se perderia,
Pois isso tudo era um pequeno danno,
A vista do cruel destino humano
Que os deuses te fazem como era!

Era essa tyria em tecouro grau,
Que nos enchia a todos de cuidado,
Te curvava e te dava um ar alado
Como quem vai voar d'um mundo mau.

Era a desolação que tinha nos minas
(Porque o fastio é bem pior que a fome)
Que a meu pai deu a curva que o consome,
E a minha mãe cabelles de platina.

Era a choroze, esse tremendo mal,
Que desertou e que trouxe funesta
A nossa brama habitação em festa
Reverberando a luz meridional.

Não desejamos, — nós os sem defesas, —
Que os tyrios pereçam! Mas theoriz,
Se pelos meus o apurn principia,
Se a Morte nos procura em nossos leitos!

A mim mesmo, que tenho o prazer
De ter saude, a mim que adoro a pompa
Das forças, pode ser que se me rompa
Uma artéria, entre mim uma lesão.

Nós outros, temos irados, temos companheiros,
Vamos abrindo um matagal de dores!
E somos ríos como os serradores!
E positivos como os engenheiros!

Portém, hostis, sobressaltados, sóis,
Os homens arquitetam mil projectos
De vitória! E eu duvido que os meus netos
Morram de velhos como os meus avós!

Porque, parece, ou fortas ou velhacos
Sóis apenas os sobreviventes;
E há pessoas sinceras e clementes,
E trocos grossos com seus ramos fracos!

E que fazer se a geração decaia!
Se a sécua genealogia se gasta!
Tudo empobresce! Extingue-se uma casta!
Morte e filho primário da que o pai!

Mas seja como for tudo se sente,
Da tua ausência! Ah! como se nos faltas,
O flor cortada, suspeitado, etc.,
Que assim secaste prematuramente!

Eu que de vezes tenho o desprazer
De refletir no tumulto! E medito
No eterno Incognoscível infinito,
Que as ideias não podem abranger!

Como em pau em que nem cresça a junc
Sei d'áreas estagnadas! Nós, absortos,
Temos ainda o culto pelos Mortos,
Esses ausentes que não voltam nunca!

Nós ignoramos, sem religião,
Ao resgatado caminho, a fé perdida,
Se o vento ao fim d'esta avenida
Qu'essa horrível aniquilação...

E o misão martyr, misão virgem, misão
Infeliz e celeste criatura,
Tu lembras-nos de longe a paz futura,
No teu jazigo, como uma santinha!

E emquanto a mim, é tu que substituas
Tudo o mistério, tudo a santidad,
Quando embuscas o reino da verdade
Em ergo o meu querer aos céus azuis!

III

TAMANHOS nos voltado o capital maldito,
E eu, num de polir isto tranquilamente,
Quando nos sucedeu uma cruel desdita,
Pela qual de nos caiu, de súbito, doente.

Uma turbera áspera abrindo cavernas!
Dá-me rebos aí seu tossir profundo!
Pois sei que lembrarei, triste, as jinjanhas ternas
Com que se despolido do bosque e do mundo!

Pobre rabo robusto e chão de futuro!
Não sei d'um infarto tão intenso como o seu!
Vão o seu limo chegar como um medonho muro,
E, sem ilícito, afilado e flônito, morre!

De tal maneira que hoje, em desgostoso e azedo
Com tanta crudelidade e tanta injustiça,
Se todo trabalho é como os pregoz no degrado,
Com placas de vingança e ideias insubmissas.

E agora, de tal modo a minha vida é dura,
Tendo momentos mans, tão tristes, tão perversos,
Que sinto só desdém pela literatura, —
E ans despeito e esqueço os meus amados versos.

Estima,

Cesarino Verde

A publicar no proximo numero:
Um soneto inédito — **ESTATUA** — de illustre poeta
Luiz Guimarães, fazendo parte do seu novo livro —
LYRA FINAL — prestes a sair à luz.

GEORGE SAND

Da escritora a quem ho dias os franceses erigiram uma estatua dizia: «*Sous a grande murher d'este seculo*,»

E de muitos outros séculos também. Por que raras vezes uma mulher se tem elevado tanto no mundo daslettres. É igual de M^{me} de Sévigné; e ultrapassa M^{me} Staél e M^{me} de Girardin de toda a distancia que vae do gênio ao talento.

A sua biographia é muito conhecida para que eu intente refazê-a. Armandine-Aurore-Lucile Dupin, por casamento Dudevant, vulgar George Sand, nasceu em 1804 e morreu em 1876 — setenta e dois annos d'idade, na sua casa de campo em Nohant.

Aos vinte e cinco annos ainda não tinha pensado em escrever; ignorava a sua grande inteligencia! Foram o acaso e a necessidade que a obrigaram a pegar n'uma pena. Nas suas admiravizes *Lettres d'un voyageur*, desenhou algumas perspectivas discretas acerca d'este período da sua existencia. A propósito d'um retrato que se achava no seu quarto, diz Sand: «Durante um anno, o ser que me legou este retrato sentou-se comigo todas as noites a uma acanhada meza, e viveu do mesmo trabalho que eu vivi. Ao amanhecer consultavamo-nos sobre a nossa obra, e cejavamo-nos à mesma meza, falando ao mesmo tempo de arte, de sentimento e de futuro. Poi o futuro que falou a sua palavra.»

George Sand tornou-se imediatamente célebre, apenas apareceu o seu primeiro livro, que era este romance feból e romântico que se chama *Indiana*. Um romance extravagante e que se ve claramente que é muito procurado. A sua maneira simplificada na *Indiana*, a sua segunda obra a partir d'aqui, houve uma successiva ininterrompida de produções, semelhante ao curso regular dum belo rio, algumas vezes cheio de lodos e turbulento, mas quasi sempre magnifico e limpo.

A obra de George Sand ocupa um lugar enorme na literatura francesa d'este seculo

e mesmo nos dicionarios bibliographicos. Durante quarenta e seis annos não cessou de escovar e de dar à publicidade; as suas obras continuaram os centos. Abordou os géneros atulh os mais diversos. Certamente que ha muita cousa a pôr de parte, mas quantas obras-primas nos não ficam! Querem que lhes aponte algumas: *Vejam Manjoli, André, a Man au diante, a Dernière Allée, os Maitres sonniers, Tere-*

rino, etc., etc.

No teatro os sucessos foram um tanto discutidos. Algumas vezes fez desanimar os seus ferventes admiradores apresentando obras disformes, extravagantes, como *Marguerite de Saint-Germain*, *Diane*, *Don Juan de Village*, *Lys du Japon*, — mas vingou-se brillantemente de certos testemunhos na *Clotilde* e especialmente no *Mariage de Villemer*.

A critica curvou-se sempre respeitosamente diante de George Sand. Gustavo Planche, tão implaudivel, sentiu-se sempre desarmado quando tinha de analyser algum trabalho seu. Sainte Beuve, nas suas *Causeries du lundi*, macavelhase da sem poderosa imaginação e afirmou que todos os barreiros se lhe abrem. «Natal se pode interdir em matéria d'arte, disse elle, a um talento que está em pleno curso, em plena torrente. Um talento ativo como aquelle veio ao mundo para ouvir.»

Os ultimos annos de George Sand passaram-se longe das agitações politicas e literarias. Vivia raramente a Paris; e muitas vezes nem já se incomodava para assistir aos ensaios das suas peças. Directores e editores quando queriam concretizar com ella alguma cousa tinham que ir fallar-lhe a Nohant, onde se praticava a hospitalidade d'um modo largo e cordial. Todos quantos a approximaram prestaram homenagem à simplicidade das suas manoiras e à bondade do seu coração.

E a França levantando-lhe uma estatua pagou, como devia, um largo tributo, e provou mais uma vez ao mundo civilizado que n'este paiz nunca são esquecidos os que tiveram talento ou gênio para illustrar e engrandecer a sua patria!

Gil-Vicevte.

A CATA

Na minha aldeia tambem ha um cemiterio; simples, singelo, como todos os cemiterios daídeis.

Uma influencia política da terra prometeu um cento de votos ao Governo se lhe subsidiasse os trabalhos e o Governo depois de uma eleição realizada que causou tres mortes, deu uns tantos reis para o acadamento da obra. Ironia delicada ás victimas que fizera.

Não é exigente um cemiterio d'aldeia? Um muro, uma porta, e uma cruz de ferro para a encosta.

O da terra vao as vezes aos pinhaes e traçar grande madeiro que estendem em grande altura de porta a este nem isso tem.

Outras, umas instituições acanhadas assim, sacar como fructos imóveis de um solo seco, outras, frustos e desmazelados, sacar os pequenos troncos suaves, como quebrando todos os ramos que as prende a um mundo que não é o seu.

A relva dura, secada, é a que é usada, chão em ondas suaves d'um dorso cheio de covas, e aqui, nell'um canto, em que é a maior uma sepultura ou uma vala, de fresco.

Há já um bom pa de annos que o Cemiterio

A ILLUSTRAÇÃO

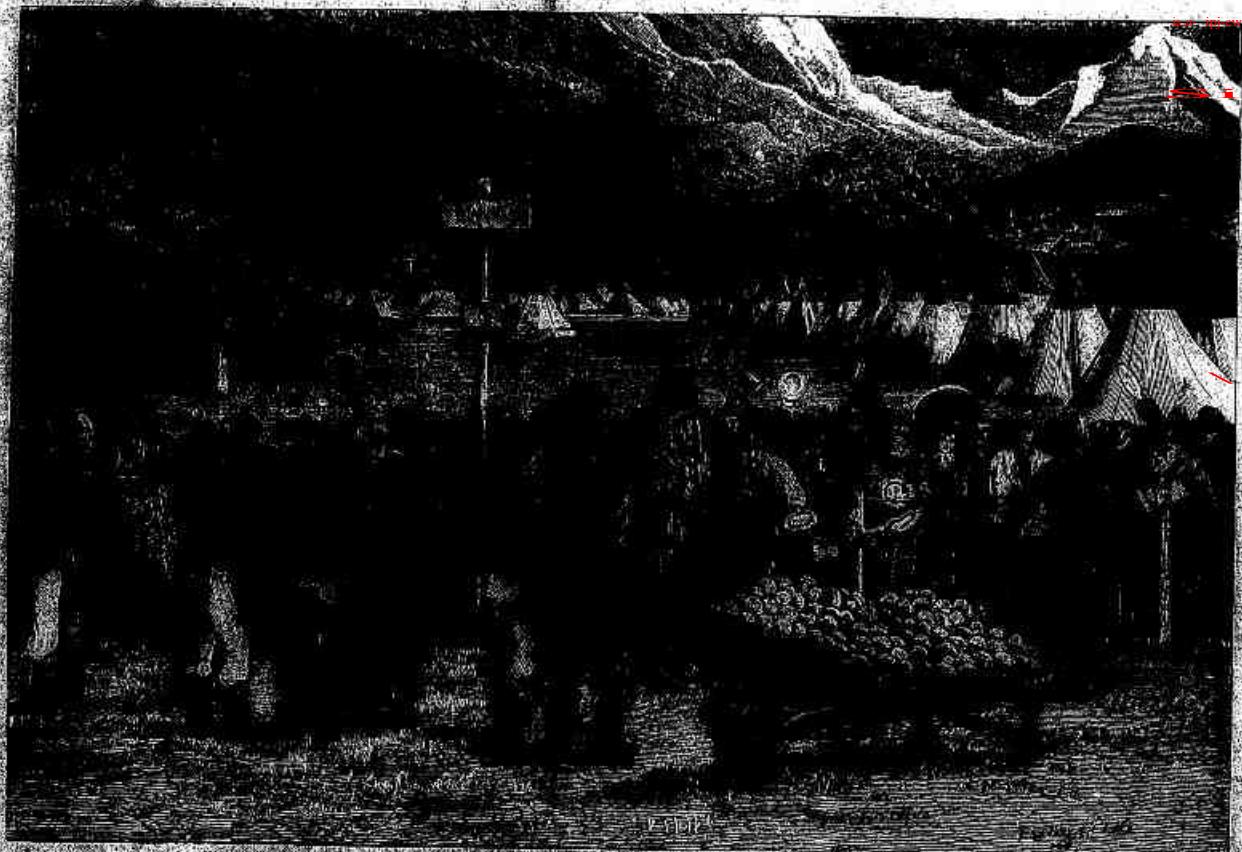


SANT'ANNA MERY
Cavaleiro da Legião d'Honra.



O Dr. KOCH
Cavaleiro da Legião d'Honra.

O CHOLERA EM FRANCA



NA FRONTEIRA FRANCO-ITALIANA



NOITE DE VERÃO
(Composição de Virgílio e Gobba)

Os convidados depositos são os mortos que lhe fizeram tempo e dor.

O velho é vislumbrado nos campos populares, um triste porpe outras; uma emigração desventurável, fosse, que, as dezenas nem abrigando a gente da aldeia que não querer ser enterrada no cemiterio! Vão para outros lugares onde ainda se faz na igreja o deposito das inimundícias em que a morte nos converte! E por lá morrem, e por lá se empesam!

Nesse bocadinho de terra murado, dum muro tão branco e tão lavado, que nos faz sorrir de hora exulta, será talvez a minha lousa a primeira que quebre a monotonia da herva.

Uma cova sempre aberta espera, paciente, o demorado hospede e o aldeão quando passa coba para dentro, a ver se ela já fechou. O inverno vem e transforma a huma enorme poça suja e espumosa; o verão chega, sorve a água e torna a mostrar aquella boca informe, desdentada e fria que u um riso gigante parece dizer imperturbável: « Esperarei ».

A um canto do cemiterio, onde junto passa a levada e onde os pardalitos, chilreando, veem banhar-se, ha uma cruz preta, pequena, de madeira tosca e farpada, posta para alli, ao acaso.

E preciso quasi alistar as plantas para se ver esse marco indicador do fim da vida.

Nessa cruz ha uma flor dos campos, secca, atada fortemente com um bocado de calabre desfiado.

Que vocabulário profuso amarrado por esse atilho, que expressões tão sentidas estampadas n'essa flor! Quanto mais não dizem essas duas lascas de pau pintado e esses restos fanados de uma flor, do que os monumentos ridiculos dos nossos cemiterios, que nos sufocam com a sua brutal magnificencia e nos afugentam com o seu ruidoso espetáculo! Que mais sincera não é essa pobre flor murcha, do que as cordas imponentes que, simetricamente, adornam os nossos jazigos, e como não diz mais esse epitaphio mudo, sem palavras, do que as resenhas heroicas e pathéticas com que brindamos os nossos defuntos e os versos que, muitas vezes, um poeta de casa, não se peja de levar á fria e serena critica de um morto!

Quando perguntei na loja de quem era aquella sepultura tão misteriosa e tão maltratada disseram-me, em tom de mofa, que era da Gata!

O padre José castigando com um olhar severo as comadres da terra tomou-me de parte, e acrescentou:

— Um caso bem singular. Eu lh'o conto, é pequeno.

Passou-me pelo bocal, encostou-me para o fundo da loja e atraçou-me lentamente numa casa escura e malcheirosa que servia de deposito aos gêneros, o prior da catedral — um bom e grave sacerdote como nas nossas aldeias ainda se encontra — contou-me a tal historia, por entre o zumbido das moscas que começavam já a procurar poiso nas vellas de cebó penduradas aos milhos nas traves, e o ru-ru dos ratos que afiam os dentes nos barris de assucar.

A Gata?....

Foi quando se fez o cemiterio.

Entre os muitos que fugiram, saiu da aldeia um velho que vivia dum escasso rendimento com que ainda assim sustentava uma filha viúva e uma netinha.

Próximo ao fim da vida tomara como um mau preságio aquella construção e quiz com o pouco que lhe restava e a todo o transe poupar-se e si e os seus ao sacrifício de ser enterrado fora da vista de Deus».

Levaram todos tres, amparos mutuos, por essecaminhos, es aldeia viu partilhós, corrente, porque o gento do velho tinha dado que faltar em vida e a familia ficou sempre pouco estimada.

Intrigante e malevolo o Gato accusava com satisfacção os devedores ou os retardarios das

contribuições do Estado não poupando os proprios amigos. D'ahi e do seu carácter traíçoeiro e alcunha que transmitira à mulher e filhinha inocente.

Chegados ao primeiro lugar onde a igreja ainda os receberia, ficaram.

No fim de sete meses, porém, um inverno duro e ríspido, como havia annos se não passava, levou-lhes o eixo principal d'aquella tríplice e engrenada existencia, matando-lhes a mãe da criancinha que com oito annos ficava sendo toda a familia e o unico arrimo do pobre octogenario.

Doze mezes passaram e o inverno seguinte não foi mais doce.

Um d'aqueles temporaes que desenraiza os carvalhos e engorda as levadas, arrancará parte do tecido de colmo da modesta habitação e, não tendo nem podendo pagar quem lh'o arranjasse, os desgraçados recebiam sobre a cama uma chuva que entrava em batatas fortes, de alastrar rios e levantar mares.

O velho sentiu-se doente e vendo-se tão desamparado resolveu voltar á aldeia e procurar se, por caridade, alguém lhe auxiliava a netinha.

A doença e a morte da filha tinham-lhe levado uma boa parte dos capitais e elle via-se aniquilado conhecendo, além de tudo, perzar sobre si o odio que o gento lhe acarretara do povo da terra.

Foi mal recebido.

Todos os mezes, no mesmo dia, subindo cerros, saltando regueiros, o velho e a criança iam, aconchegados um ao outro, levarem uma flor e umas lagrimas á sepultura do ente estimado que os abandonara deixando-os sem guia e sem sustento. E lá iam fracos, sem força, ignorando se morreriam no caminho ou se teriam de mendigar o pão da dia seguinte.

Uma tarde de abril, depois de uma dessas peregrinações, quando as flores começaram a desabrochar e a Primavera a ostentar todo o seu esplendor, o velho sentado n'uma pedra á beira do caminho chamou para junto de si a neta e inclinando-lhe com uma das mãos a cabeça para a luz e amparando-lh'a com a outra, perguntou:

— Estás doente, minha filha?

— Não, avô.

— Vejo-te tão pallida; nem a minima pinga de sangue parece girar n'essas veias! Terás tu fome?

— Não, avô.

Depois d'esse dia redobrou-se-lhe a tristeza e o seu instinto de bom amigo e a sua pratica de ontentia sãos não o tinham enganado.

A criancinha caiu de cama e quinze dias depois o seu pequenino e enfermado corpo era o primeiro que baixava á terra do novo cemiterio d'aldeia.

— Foi um castigo! resmungava o velho.

Ele que ainda opor-se mas a gente da terra e o prior d'então julgaram ver n'isso o dedo do Senhor, e vingar-se assim na criancinha das ofensas que o pão tinham recebido.

E o pobre velho que tanto tinha fugido do cemiterio era a quem elle vinha pedir o seu primeiro morador.

Abatido de dor e estremido de superstição não acompanhava o cadaver da neta senão ate a porta da nova morada e d'abi espreitou entao, ansioso e sufocado — como a panthera que vigia o sompo dos filhos — os menores movimentos do coxeiro.

Quando o arredaram d'aquelle logar era noite!

Voltou a casa e desde então quasi não comia nem tinha um momento de repouso.

Um dia achou-se mal e presentiu a morte.

Levantou-se com toda a coragem, vestiu-se e embrulhou todo o resto do seu dinheiro n'um papel em que escrevera « por alma da minha netinha » saiu de casa, sem quasi poder formar um passo.

— Onde vai, Sr. Thomé, tão velhinho e tão doente como Vm. está?

— Vou cumprir uma promessa.

— Talvez á sepultura da pequena. Deixe-a lá que está com o tratante do pae.

— Isso não, que no cemiterio não entro eu, e duas lagrimas lhe saltaram pelas barbas abaixo.

Foi andando, reunindo toda a sua vida passada e quando as suas recordações pararam no momento presente e se lembrou da neta o velho teve um sorriso de desprezo para a justiça dos homens.

Quando deu por si estava precisamente de frente do cemiterio. Olhou e entreviu a sepultura da infeliz criancinha.

Então, como se fosse tocado por uma pilha electrica começo a tremer, a tremer, e na physionomia rugada de desgostos desenhou-se-lhe o combate intimo que supportava e em que se lhe iam as entradas. Depois, enraivecido por não poder arrancar da terra o cadaver querido, levou as mãos ao cabello e abaixando-se, vencido, colheu da estrada um malmequer que, furioso e chorando nervosamente, foi atar com mãos convulsas na misera cruz de madeira.

A saída do cemiterio caiu exhausto e com elle cahia a promessa que fizera de nunca passar aquela porta.

A figura transtornara-se-lhe, os olhos debruçavam-se-lhe das orbitas e uma baba em fio huca-lhe as barbas.

Quiz levantar-sé; não pôde. Arrastando-se, mais morto do que vivo, ferido pelo combate em que jogara toda a sua força, asphyxiado pela doença e sem conhecimento conseguiu, por um resto de instinto, rojar-se até á entrada do logar proximo e abri erguendo-se energicamente, olhou para o caminho que seguiria e rodando sobre si mesmo duas vezes, caiu para traz desamparadamente.

N'aquela flor déra toda a sua vida, déra toda a sua alma!

No dia seguinte o seu corpo era deposito na igreja do logar, ao lado do cadaver da filha e a herda do cemiterio crescendo occultava com a pequenina cruz preta, a unica falta de que o bom velho julgava não ser absolvido no Tribunal Supremo.

O padre José tinha acabado já a sua historia e ainda cu a seguia por meandros intermináveis. Uma vella despegando-se do tecto tirou-me d'aquele lethargo e no dia seguinte ao lado do malmequer ressequido, brillava uma outra flor vistosa e garrida.

Camerão 1884.

J. MIRANDA.

A ILLUSTRAÇÃO acaba de recolher algumas sympathicas adesões de poetas e prosaicos brasileiros que vão honrar as columnas da nossa revista com a sua colaboração.

A publicar proximamente, vários sonetos dedicados de distinto poeta Luiz Andrade e num trabalho em prosa de Valentim de Magalhães.

BIBLIOGRAPHIA

Uma absoluta falta d'espaco, devido sobretudo á circunstancia de que muitas gravuras do nosso jornal em consequencia da sua bellissima artística não permitem compreender no verso da pagina — tem-me impedido de publicar regularmente estes artigos onde eu enclono dar aos leitores da *Ilustração* uma ideia exacta e completa de cada obra que lhe recebendo.

Eu tenho um horror profundo á esterilidade e recemos e agradeçemos á quasi todos os jornais — esta charpa impertinente que as maia das vezas não significa falta de tempo ou de espaço do critico — mas sim ignorancia, quasi sempre imbecilidade, e acentua completa d'uma lieia, d'uma opinião, d'uma opiniao, mesmo dum pobre. Ah! d'ante da obra que se estende — e que ordinariamente falam-se se não se. E logo está isto um crime: não fer! De onde é momento que se tem um jornal, que se possue um jornal para se dizer o

Lisboa. — **Cards.** — **A**lém da ordem normal de despesas de viagem, não obstante os requisitos ordinários com preços todos acima de 100 francos.

R. D. — **Cd**-recebemos. Pedimos-lhe para mandar-nos um extrato das cartas, para que tem um modelo de subscrever. — **S.** Optimamente. São muitos os desafios mas é difícil descrevermos-nos de maneira lógica e admissível, sem o preconceito. Pode lembrar aquela: *Qual é a causa que faz os gatos cair? Qual é a causa que faz os gatos voar?* Não desanimou por tanto mande-nos.

Lisboa. — **T**udo bem! Igual pedido ao amigo. Cartas diretas e var nota à forma de subtítulos ou sobre-títulos. As chaves é só ter que adicionar. Não premeia enigma, nem pague, está mesmo prego Santa Justa. Muito mais.

Correspondência. — Negócios civis e commerciais; correspondências, cobranças, horas.

Indícios comerciais. — □ □ □

Perseguição e defensor diante de todos os tribunais franceses.

Administracão das propriedades em França.

Entrevista no Director do Contador dos 4 arrondissements - 12, boulevard de la Villette. — **Paris.**

A NOSSA AGENCIA

LISBOA

M. G. — Para um estudante português se matricular na Escola de Medicina de Paris basta apresentar todo o curso dos exames que se exige em Lisboa para os que se destinam a Medicina quando entram para o Polytechnique. As estudantes francesas também exigem greve, o que tudo constitui o óbvio e invariável é feito e as referidas. Mas para

com os estudantes não são tão exigentes, e é bastante apresentar a sua carte de latim¹ e a parte — Pasta e extinguir a vida em Paris é sempre mais caro. Se não é um desafio permanente depois de muito bem combater os seus perigos, é que podem chegar ao grande resultado de ganhar somente 200 milhas em que habitualmente gasta o perigoso. A vida no quarto de hotel é um assunto insuportável para sua casinha. Não pode gastar menos, para uma vida modesta, do que francos por mês com o seu quarto, mais menos de 30 francos por mês com levadura; nem menos de 10 francos por mês com a sua pensão — almoço e jantar que só tem de 3 francos comissões lhe tem de dado cabo do estomago; assim menos de 1.30 por dia no cast. Quanto a o seu auxílio a que vêm para Paris tem ter o mancebo e manceba, uma mensal de 3,35 francos. E vende desposto a ser econômico, medianamente econômico, fugindo a todas as contas. A vida em Paris não é sóta como com a maior necessidade alguma, o quanto se vive em Paris para trabalhar — trabalhar-se como rascunhos veras e fuzem em Lisboa. E não é uma vez por mês — é todos os dias. E é necessário muito cuidado com a bolota para não momento se não ver redonda de dividas.

Porto. — Um aconselhante. — O seu pedido é um tanto delicado, tanto mais que uns vinte anos não se trata d'uma menor, mas d'uma senhora. Não se pode pensar n'um júnior qualquer, mesmo de 19 ou 20 anos, grande elegância e discrete. E para se dar uma impressão necessária entre de tanta, conhecer bem o explicito da embalagem que é destinado o objecto. — **A**nta a literatura! **O**ffice! — **H**á uma primorosa edição das obras de Musset ou de Coquelin, com alguma fonte, o que há de mais distinta no geral. — **A**nna o brilho-brilho? — **O**jaleiro? — **E** é grande moda portuguesa e nada mais bela para a sua saleta do que um bonito brilho bordado a seda francesa; ou uma soberba joalheria onde haja a verda, o azul, o escarlate e o domado ou perolado nos vasos do Japão, para essa saleta que flores e plantas. E critica? **O**ffice! — **H**á uns bonitos estatuetas de terracota. — **O**ffice! — **H**á um guarda-jóias; cristal de rocha e estima. — **O**ffice! — **H**á um bonito cofre antigo, todo dentro de suas finas perfumarias. — **E** se quer dar um presente dedicado a original, um bom conselho! — Obtenha o primeiro nome dessa senhora escrita por ella própria. Chame-se por exemplo **B**erta. Mantenha gravar esse nome e colado o fac-simile sobre uma chapéu d'água compre papel calado-metálico ou papel de lisboa, enfile, o

mais aristocrático papel de carta, e incida Impulsar e **enrolar** a nome no canto da página, assim:



e mesmo nas subscritções no ato onde fechar, e terá feito um presente, sem fôr do comun. — Nada de que a importante seja a quantia que indica.

Rio de Janeiro **cro**

Z. V. de S. A., M. de R. A., J. C. M. G. R. — S. A. R.
Recomenda-se que ordene a tudo será expedido com a medida brevidade.

Nova — **P**ara não carregar excessivamente o **Informador** com as negociações da **AGÊNCIA BRASILEIRA** que tem sido o mais a favorável acréscimo da nossa **AGÊNCIA**, resolvemos encerrar recepção de cartas, ordens de distribuição, e expedição de encaminhamentos, por bilhetes postais. Na sequência, a **NOSSA AGÊNCIA** dirige pacas o futuro a responder a anúncios de serviços que possam interessar a mais d'uma parte, como os anúncios que são feitos fétis de **Porto** e **Lisboa**, e que estão reunidos.

Aviso.

Lembremos mais uma vez aos nossos leitores que se podem utilizar da nossa agencia para todos e quaisquer negócios que tenham de tratar em Paris, especialmente para a compra de todos os artigos de que precisam de livraria, PHARMACIA, PERFUMARIA, MODAS, PAPERARIA, OURIVERARIA, etc., etc. — a tudo isto gratuitamente!

M.

EPILATORIOS DUSSER (Pasta Epilatoria para o rosto; Pelivora, para os braços)

Perfumaria **DUSSER**, 1, rue Jean-Jacques Rousseau. — **PARIS**



— Mais não é consegue, minha querida senhora! Que fiz, para estar tão formosa?

Parte que rejuvenescem de doze anos!

— Ah! minha amiga! Poi a minha salvação a **PASTA EPILATORIA DUSSER**.

Pois que! Não quer vir ao baile do **C**írculo por causa desses mandados que tem de brincar?

— É verdade?

— Pois aqui tem um frasco da **Pasta Epilatoria**,

Em cinco minutos tu estás de novo de alabastro.

As oficinas das fábricas da Turquia se se movem a seus servidores depois de terem feito uso da **Pelivora**, que torna o corpo branco e polido como o mármore d'água.

— Minhas enfermas, hindus, um pouco para quem melhor responderá àquela perturbação. Qual é a doença que mais tem contribuído para a doença das mulheres?

Por unanimidade, foi o patologo considerado a Memória que traçava dos Horrores

di Nártia no sexo feminino, seu malo d'esperar pelos **Estúdios Dussé**.

ACADEMIA DA DELTA

MACHINAS para Telhas e Tijolos

PARIS — 1920 — FABRICA DE MACHINAS PARA TELHAS E TIJOLOS

Construtor: Max Henriet

33, rue Eugène-Saint-Martin, 13, PARIS

Encartes e CATALOGO ILUSTRADO e o seu catálogo relativa.



PISTOES ARTIFICIAIS
VINHO
DE DISERTO DE
CHASSAING

PEPPERA E COM DIABIASCO
Aguas destiladas e fermentos voláteis

DISERTO

DISERTO DE CHASSAING

CHIFFLORE

Por Dr. Delon

POSS ADHÉRENTS E INFLUENTES

COMBINACIONES SOBRE HUMIDOS INFLAMÁVEIS E DIFUSORES

EXCEPCIONALMENTE SUAVE E FÁCIL DE USAR

PATE AGNEL

Amygdalina & Glycrina

Este excelente Coquetel francês e

amargo a geléia preservado do Cidro,

Kirliches e Comestíveis tornando-o

avivado e suave, é usado para

desintoxicar e fortalecer os

seus nervos.

EXCEPCIONALMENTE SUAVE E FÁCIL DE USAR

AGNEL, Fabricante de Petiscos em Paris

FABRICA E EXPEDICAO: 16, AVENIDA DE SAINT-GERMAIN, PARIS

Quartier de l'Opéra. — Cada dia de 10 horas, quando é servido o Petisco de Paris.

PARIS — IMPRENTA: F. MOUILLOU — 13, QUAI VOLTAIRE

DEPOSITO

PA

CASA EDITORA DAVID CORAZZI

153, Rua dos Retirozinhos

Venda de todos os tipos de livros, periodicos e co-

llectores, de todos os tipos de livros, periodicos e co-

llectores, de todos os tipos de livros, periodicos e co-

llectores, de todos os tipos de livros, periodicos e co-

llectores, de todos os tipos de livros, periodicos e co-

llectores, de todos os tipos de livros, periodicos e co-

llectores, de todos os tipos de livros, periodicos e co-

llectores, de todos os tipos de livros, periodicos e co-